

UM ARQUIVO SEM PLANO: O CASO DO ACERVO DE PROJETOS DA FAUUSP

JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA¹

É senso comum afirmar que todo arquivo foi formado por um plano de intenções articulados a discursos e práticas de natureza política e simbólica. Nem sempre esse plano é definido a priori e o arquivo pode, muitas vezes, surgir de um conjunto de acontecimentos aparentemente fortuitos e desarticulados, externos à instituição onde foi criado. A sua suposta gratuidade mal articulada, contudo, não prescinde da problematização do arquivo como um constructo sócio-histórico, ao contrário. Ela diz sobre o período em que o arquivo foi instituído; sobre o campo profissional, político ou simbólico com o qual dialoga; sobre sua narrativa e constituição; sobre sua configuração, transmissão, organização, disponibilização e usos. Ela fala também da relação sempre dialética entre documentos e problemática histórica (MENEZES, 2003: 28). Este é o caso o Acervo de Projetos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP, tema de análise deste texto.

O Arquivo de Projetos da FAUUSP: do geral para o particular

A FAUUSP foi criada em 1948 como resultado de um esforço coletivo de instituição de um campo (BOURDIEU, 1974; 1989) arquitetônico independente do da engenharia em São Paulo (DURAND, 1974; 1989; FICHER, 2005; SILVA, 2012). Faziam parte de seu plano inicial uma série de seções técnicas de apoio – ainda hoje vigentes – como a Biblioteca, cujo acervo inicial era composto basicamente por livros e periódicos; o Laboratório de Modelos e Ensaios, destinado a apoiar o trabalho de alunos e professores na constituição de maquetes e estudos de caso técnicos e artísticos e o Laboratório de Publicação e Produção Gráfica, todas elas comprometidas com o ensino e a pesquisa. A ausência de uma seção de arquivo de projetos parece indicar que tais documentos não eram entendidos nem como meios de ensino de projeto – o mesmo era pautado pela leitura de revistas e o diálogo com os professores da área, além de visitas às obras – nem como fonte de pesquisa histórica que do mesmo modo se apoiava nas falas dos arquitetos, no embate com as obras construídas, na leitura de fotos e projetos tal como eles se apresentavam em revistas, artigos e livros. Nesses veículos de divulgação, os projetos eram muito simplificados, representados por fotos que tratavam de enfatizar aspectos já definidos por seus autores e desenhos, em geral plantas, elevações, cortes

¹ FAUUSP, Professora Doutora, FAPESP Auxílio à pesquisa.

e perspectivas que se restringiam a mostrar a organização dos espaços e a linguagem do edifício, nada contando sobre o processo de concepção e materialização da obra, dentro e fora do campo arquitetônico. Mas essa ausência está relacionada também, de um lado, com o fato de que os arquitetos envolvidos com a criação da faculdade ainda estavam na ativa, portanto pensavam a sua produção no presente, de outro, com o desprezo que a maioria deles nutria em relação à produção que os antecedia. Sentimento este que deve ser compreendido no âmbito das disputas pela constituição do campo arquitetônico em São Paulo travadas naqueles anos 1940 e 1950 (SILVA, 2012).

Contudo, além do acervo já descrito, a Biblioteca foi assimilando outros fundos, de fotografias, diapositivos e filmes, que compõem o setor audiovisual desde os anos 1960, microfilmes, mapas, entre outros, e que não estavam previstos no seu plano original, mas que foram se constituindo ao longo do tempo em função da ação de agentes internos e externos, decorrentes de atividades pedagógicas e de doações. O acervo de projetos da FAUUSP foi criado desse modo, tornando-se um dos setores de consulta da Biblioteca. Essa integração trouxe especificidades e dilemas, afinal as técnicas de catalogação, conservação e disponibilização que orientam os arquivos são distintas daquelas empregadas nas bibliotecas, como são diversas também são as exigências materiais e espaciais para a sua organização.

Vamos voltar a esses problemas mais adiante. Por hora nos interessa apontar que o Acervo de Projetos foi criado como um dos setores de consulta da Biblioteca da FAUUSP a partir da doação dos projetos do escritório de Carlos Milan feita pela família, em 1965, um ano depois da morte do arquiteto. Apesar de não ser ainda um plano deliberado da biblioteca a constituição de um acervo de projetos, a doação é aceita, segundo depoimento da atual diretora do setor, Eliana de Azevedo Marques, porque a então diretora, Teresa Almásio Hamel, reconheceu a importância daquele gesto, ainda que não dispusesse de espaço nem de recursos para proceder a sua guarda, conservação e catalogação.

O acaso aqui traz alguns significados importantes. Primeiro, a intenção da família em perpetuar a memória do arquiteto, reconhecendo a biblioteca da FAUUSP como um órgão importante na constituição da história da arquitetura e de seu futuro, uma vez que seria por meio dela e de seu acervo que os “pesquisadores [poderiam] ter acesso ao passado ou, mais precisamente, a uma ideia de passado projetada para o futuro” (COSTA, 2014). O conjunto de doações que se seguiram, revela o desejo comum de muitos arquitetos, familiares e professores de se fazerem presentes na história e o reconhecimento da centralidade da

FAUUSP na produção dessa história. Segundo, o fato de que Carlos Millan, além de arquiteto, era professor de projeto na FAUUSP. Seu acervo, portanto, falava sobre a sua trajetória individual, mas também acerca da concepção de arquitetura que orientava o ensino de projeto na FAU e era valorizada em livros e revistas comprometidos em definir – com sucesso, diga-se de passagem –, os cânones vigentes em São Paulo. Terceiro, porque, ao contrário de outros exemplos, como o Arquivo Fotográfico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), estudado por Costa (2014), a ideia de passado que se projetava para o futuro não estava definida no âmbito da Biblioteca da FAUUSP, apesar da historiografia da arquitetura moderna paulista já estar esboçada naquele momento. E foi justamente essa indefinição, ou melhor, a convivência de concepções diversas de passado e da própria arquitetura que possibilitou que o Acervo de Projeto da FAUUSP congregasse propostas arquitetônicas muito díspares.

À essa primeira doação, em 1965, seguiram-se outras que compõe atualmente cerca de 70 coleções, cada uma delas referentes a um(a) arquiteto(a). A sua catalogação se iniciou nos anos 1970, seguindo o sistema de classificação estabelecido por Charles Ammi Cutter e Melvil Dewey adotada para os livros, ou seja, pautado pelo sobrenome do autor e o tema da obra, nesse caso, a tipologia ou programa do projeto. O seu ritmo, contudo, a despeito do interesse e dos esforços das bibliotecárias, foi muito lento. Quase metade das coleções ainda não foi catalogada e muitas se encontram em um estado precário de conservação por falta de espaço e suporte para o seu bom acondicionamento. Das 38 coleções catalogadas, sabe-se que o movimento de doações foi o seguinte por década: uma em 1960, uma em 1970, dezesseis em 1980, oito em 1990 e três em 2000. O aumento e o arrefecimento no número de doações está diretamente ligado, de um lado, à morte de uma geração de arquitetos, muitos deles professores da FAUUSP, de outro, à revisão historiográfica que tomou corpo a partir da década de 1980, abrindo-se para vários tipos de manifestações arquitetônicas, de perfis e atuações profissionais.²

Sabe-se também que vinte e uma doações foram feitas pelos próprios arquitetos ou seus familiares e que o restante coube a pesquisadores e professores da instituição, todos eles vinculados à história da arquitetura, uma história, como apontado acima, que já considerava com igual interesse manifestações arquitetônicas fora dos cânones ensinados na faculdade ou,

² Há uma variação entre o número de coleções e dos dados específicos, pois em algumas delas não se têm dados completos sobre o ano de doação e o nome do doador.

numa palavra, modernos. Foi a ação desses doadores e a recepção sem critérios por parte da biblioteca, orientada apenas pela preocupação em compor um acervo de projetos, que garantiu, então, a disparidade de propostas e práticas arquitetônicas que compõem as coleções. Alguns arquitetos teriam, inclusive, “desaparecido” na história, não fosse a doação de seus acervos.

Tais coleções são compostas por um conjunto bastante variado de documentos, cujos suportes e meios são igualmente diversificados. Esses documentos se distribuem pela biblioteca conforme a lógica de conservação, mas também muito em função de seus limites materiais, financeiros e espaciais. Desse modo, temos:

- tubos de projeto com desenhos à lápis ou à nanquim em papel manteiga ou vegetal, ficam no setor de projeto da biblioteca, quando já catalogados, ou no porão da faculdade, cujas condições de conservação são precárias;
- desenhos à lápis, aquarela, nanquim e grafite em papel cartão, cambraia e afins em mapotecas, junto ao setor de obras raras da biblioteca;
- fotos, slides e negativos no setor de audiovisual da biblioteca;
- documentos paralelos - memoriais, cartas, recibos, catálogos de materiais, etc - em arquivos de papelão no porão da faculdade;
- revistas e livros nas estantes, distribuídos em meio ao acervo da biblioteca.

O acondicionamento desses documentos, principalmente os dois primeiros, requer áreas grandes por conta da quantidade – apenas para se ter uma ideia a Coleção Jacques Pilon conta com cerca de dois mil desenhos – e do tamanho dos desenhos – há pranchas com mais de um metro de comprimento – que devem ser acondicionados em tubos guardados na posição horizontal ou mapotecas.

Cada um desses documentos é acessado por bases de consultadas independentes. Essa distribuição subverte a organização original do arquivo tal como ela se estabeleceu no escritório, rompendo com a relação entre os documentos e o que ela podia informar sobre o arquiteto, sua prática profissional e seu exercício projetual. Tal subversão é justificada em função das especificidades materiais de cada documento, que exige um tipo de guarda, conservação e consulta e das disponibilidades espaciais e orçamentárias da Biblioteca. Se a

justificativa é compreensível, não se pode deixar de notar que prevalece o raciocínio bibliotecário em detrimento do arquivístico que marca a história do arquivo em questão.

É notável também que a preocupação em considerar a prática profissional e o exercício projetual, para além da solução final e da obra acabada, não estava em questão no momento de constituição das coleções, tanto é assim que o material doado não só foi pulverizado, como em cada uma das bases de consulta, à exceção das referentes aos projetos, desenhos e documentos paralelos, não há referências ao fato de que aquele documento pertencia ao arquivo de um determinado arquiteto. Essa situação é agravada porque nem todos os documentos que compunham as doações foram classificados, permanecendo indisponíveis até hoje aos pesquisadores. É o caso, por exemplo, dos documentos paralelos que têm interessado cada vez mais os historiadores da arquitetura, cujos problemas historiográficos não se dedicam apenas à concepção arquitetônica, mas sobre a produção social da arquitetura e as práticas profissionais nela envolvidas. Desse modo, não só fica muito difícil como é mesmo quase impossível, recuperar a totalidade dos materiais e suas relações originais nas coleções que compõe o Arquivo de Projetos da Biblioteca.

A Coleção Jacques Pilon: do particular para o geral

Até aqui recuperamos em linhas gerais a dimensão material e discursiva do Arquivo de Projetos da FAUUSP, procurando problematizar a sua arquite(x)tura, temporalidades e trajetórias e apontar como o mesmo se configurou, atentando não só para a sua organização como para a sua consulta. Nessa altura, parece interessante avançarmos na discussão a partir do estudo de uma coleção específica e da dialética entre acervos, fontes documentais e problemática histórica. Estamos nos referindo a Coleção Jaques Pilon, referente aos documentos do escritórios do arquiteto francês, radicado no Brasil, Jacques Émile Paul Pilon. Doada e organizada inicialmente pela pesquisadora Ilda Helena Diniz Castello Branco, em 1988, a catalogação foi iniciada por volta de 2009 no âmbito do projeto temático Fapesp São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade, do qual fez parte doutorado que desenvolvi sob o título *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon (1930-1960)* (FAUUSP, 2010).

Na época da doação, a pesquisadora desenvolvia a dissertação de mestrado, *Arquitetura no centro da cidade edifícios de uso coletivo, São Paulo: 1930-1950* (1988), dedicando grande parte de seu estudo à produção de Pilon. Apesar de não ser considerado um grande arquiteto

entre os primeiros historiadores da arquitetura em São Paulo, seja por seu vínculo com o mercado imobiliário, seja por ter assumido funções mais administrativas do que projetivas em seu escritório (SILVA, 2012), o fato é que Pilon era responsável pela construção de dezenas de edifícios naquela área da cidade, muitos deles ícones da paisagem paulistana, como a Biblioteca Mário de Andrade e a antiga sede do jornal *O Estado de S. Paulo*, apenas para citar dois exemplos paradigmáticos. Foi por sua pesquisa e por vínculos que não se pôde recuperar que a pesquisadora chegou à família do arquiteto que afinal lhe confiou o material completo de seu escritório. Intermediando a doação, contudo, aparece uma figura central para compreender o culto à memória do arquiteto em questão e seus usos políticos. Trata-se do também arquiteto e professor da FAUUSP, Giancarlo Gasperini.

Como Pilon, Gasperini foi um dos muitos arquitetos estrangeiros a se radicar no Brasil entre os anos de 1930 e 1950. Instalado inicialmente no Rio de Janeiro, Gasperini se transferiu para São Paulo a convite de Pilon para assumir o lugar de chefe de seu escritório, vago desde a saída de outro estrangeiro, o arquiteto Adolf Franz Heep, em 1951. A transferência foi fundamental na trajetória de Gasperini, pois foi a partir da experiência no escritório de Pilon, que de certo modo o apadrinhou, que o arquiteto italiano teve a possibilidade de constituir, uma década depois, um escritório em sociedade com Plínio Croce e Roberto Aflalo. Tal escritório se tornaria importante para a produção do mercado imobiliário paulistano a partir de então, dando continuidade ao legado de Pilon.

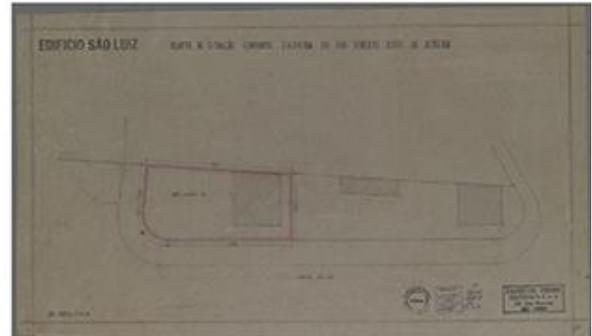
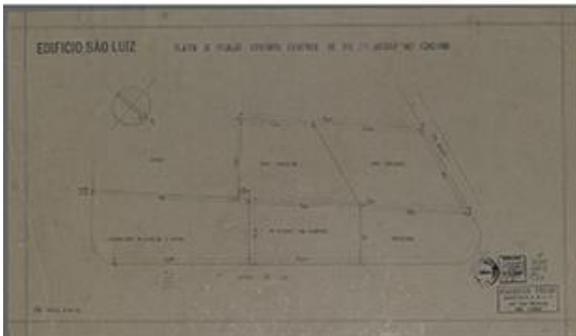
Nesse sentido, a doação foi ensejada não só pela gratidão e admiração que Gasperini nutria por Pilon, mas também por seu interesse de legar à história a sua contribuição, abrindo espaço para uma produção que afinal era a sua e que, como já se apontou anteriormente, não encontrava tanta acolhida entre os professores de projetos e os historiadores da arquitetura. A sua inserção no corpo da faculdade poderia, assim, impactar tanto o ensino de projeto como a narrativa sobre o passado da arquitetura em São Paulo. E sem dúvida, a sua doação foi eficiente, porque entre o ato de depósito do material, em 1988, e os primeiros estudos dedicados ao arquiteto, foram precisos cerca de 22 anos para que o seu legado pudesse ser avaliado a partir de outros parâmetros. Tal feito talvez nunca tivesse se concretizado se seus projetos não compusessem o Arquivo de Projetos da FAUUSP.

A Coleção Jacques Pilon abarca projetos de várias escalas e programas, desenvolvidos entre 1940 e 1956, depois de desfeita a sociedade com engenheiro Francisco Matarazzo Neto, ainda que haja projetos que foram iniciados nesse período. A documentação compreende desde

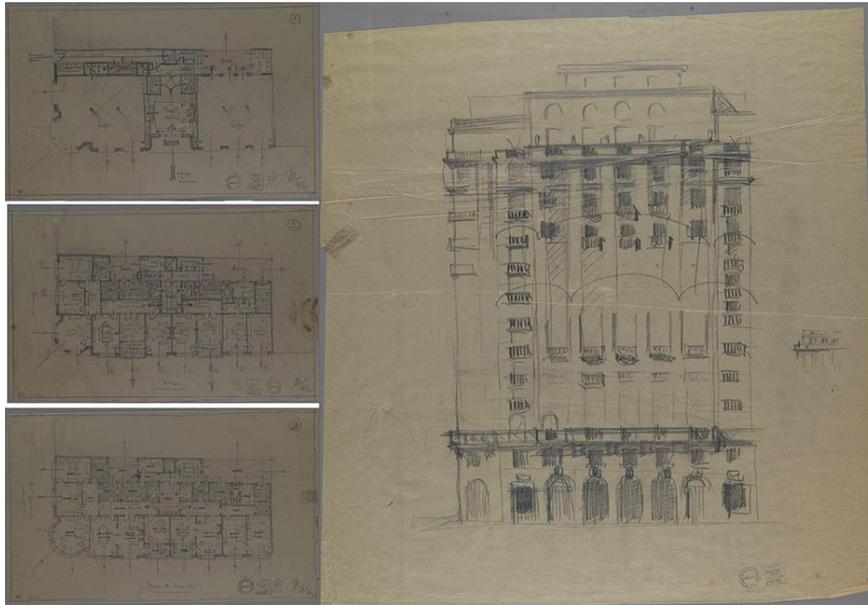
projetos de arquitetura completos – dos primeiros esboços ao executivo, incluindo plantas de prefeitura, estrutura, hidráulica e elétrica – até simples estudos ou anteprojetos. Não se sabe ainda se há documentos paralelos e os desenhos disponíveis nas mapotecas só foram descobertos depois de finalizada a tese de doutorado, explicitando a desconexão da coleção, as dificuldades e os limites impostos à pesquisa.

Como mencionado anteriormente, durante a pesquisa de doutorado, deu-se início ao processo de catalogação e higienização da coleção. Os primeiros projetos catalogados foram escolhidos em função do objeto de estudo que estudava, cabendo ainda finalizar a classificação completa da coleção, o que mostra outro problema que atingiu outras coleções. De todo modo, cada projeto recebeu, como nas outras coleções, um número de tombo – referente ao sobrenome do arquiteto e tipo de programa, conforme os sistemas acima mencionados – e suas folhas foram numeradas pela uma lógica linear de desenvolvimento do projeto de arquitetura, ou seja, do estudo preliminar ao executivo, das plantas de arquitetura aos complementares, da implantação aos detalhes passando pelas plantas, cortes, fachadas e perspectivas, sempre que possível seguindo a cronologia de datação dos desenhos.³

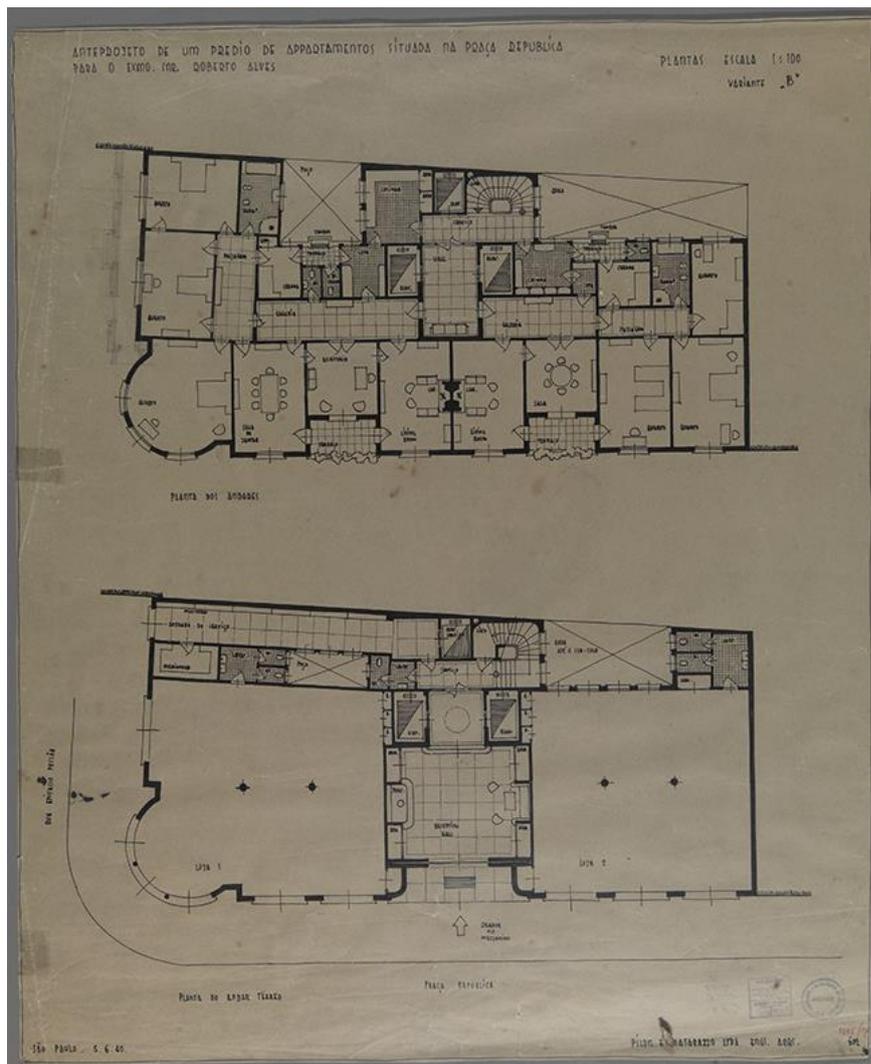
³ Parte desse material encontra-se disponível na biblioteca e no site do grupo temático São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade Fapesp/ FAUUSP/ FFLCH/ MP/ IAU USP: <http://estrangeiros.fau.usp.br/page.php?name=ficha>.



No sentido horário planta do terreno, planta de situação e planta da escritura. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.



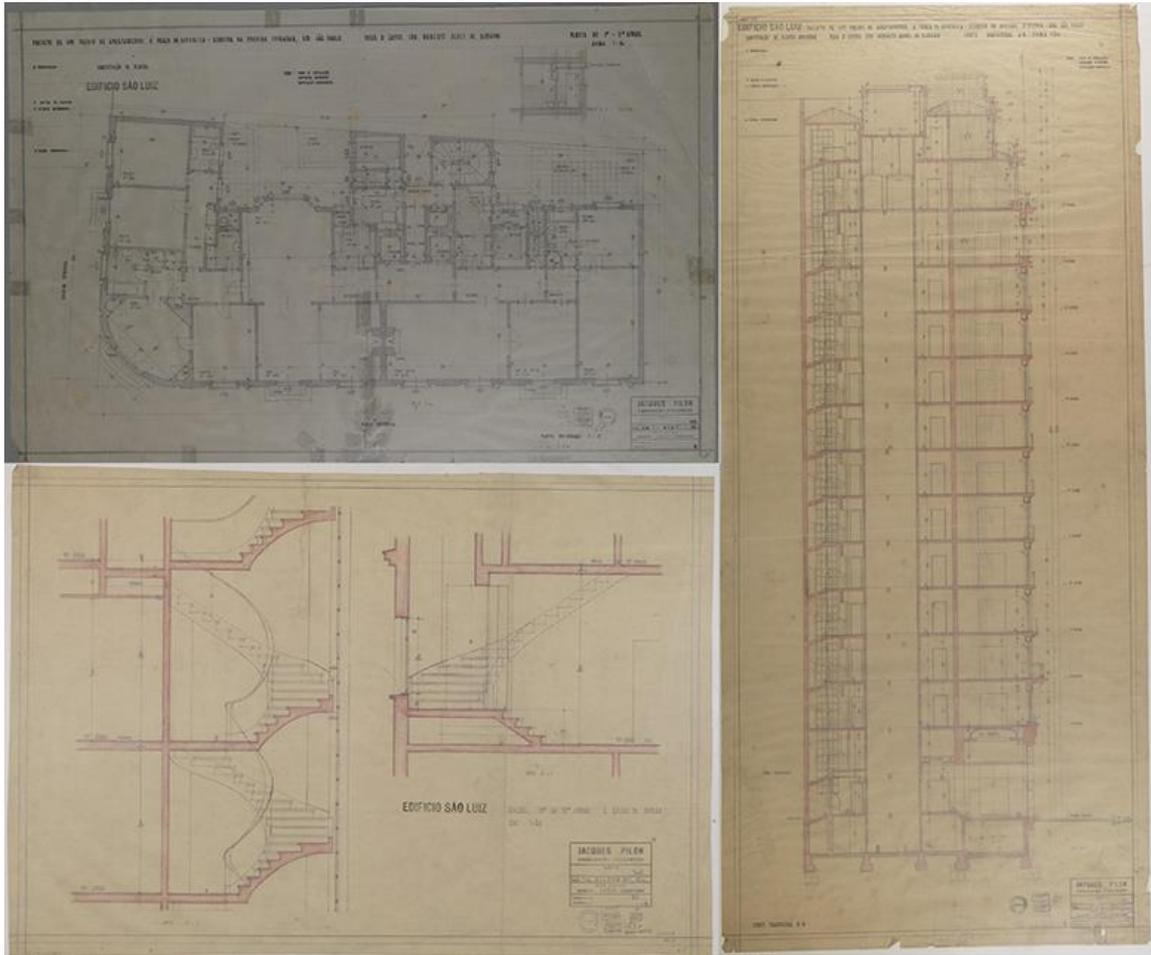
Estudo preliminar (primeiros esboços): plantas e fachadas. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.



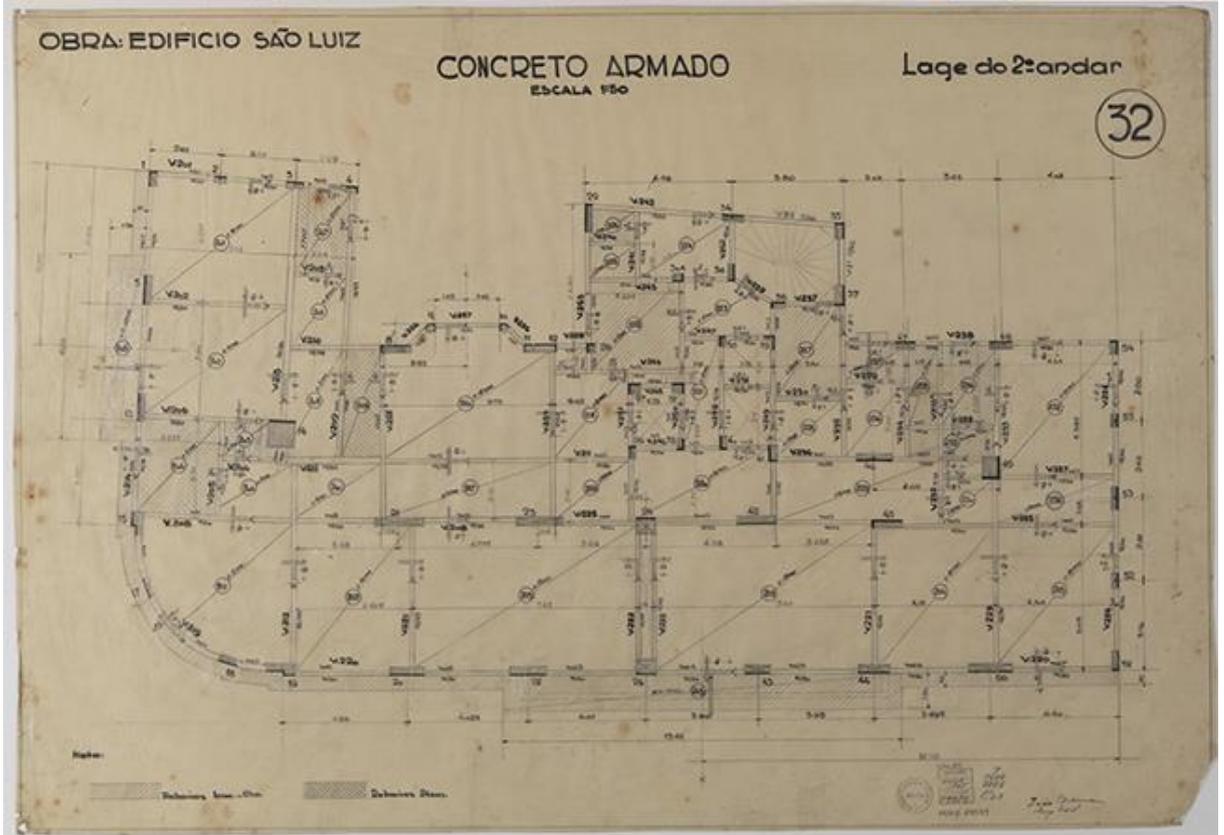
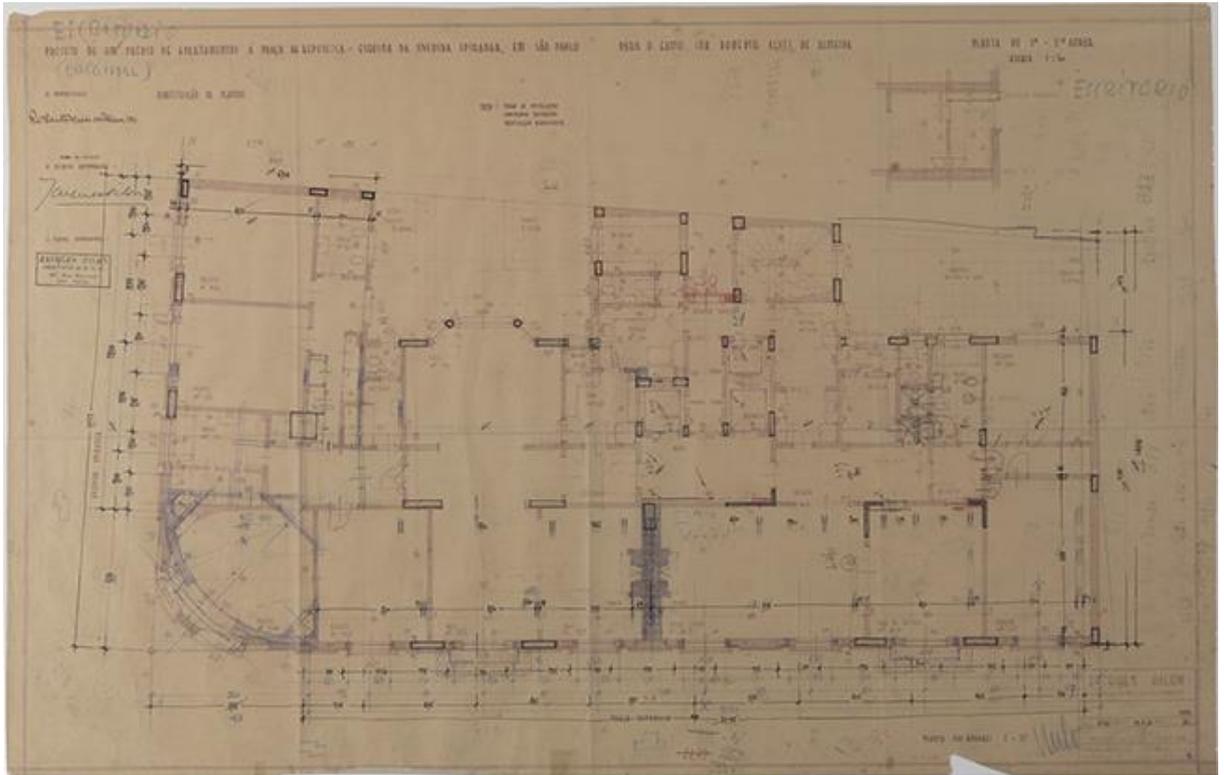
Estudo preliminar (desenvolvimento): plantas. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.



Anteprojeto: plantas e fachada. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.



Anteprojeto executivo: planta, detalhe de escada e corte transversal. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.



Plantas de estrutura. Acervo de Projetos da Biblioteca da FAU-USP.

Quando tomei contato com a coleção, poucos eram os pesquisadores que aproveitavam a documentação do Arquivo de Projetos da FAUUSP. O projeto de arquitetura ainda era tomado como uma simples peça gráfica, uma ilustração objetiva das intenções do arquiteto, da organização dos espaços, das soluções plásticas e técnico-construtivas, nada se questionando sobre o processo de concepção do mesmo e sobre as relações entre projeto e obra, projeto e cliente, projeto e disposições técnico-materiais, projeto e cultura arquitetônica, projeto e sociedade, apenas para citar algumas delas.

Foi a atenção aos diálogos entre cultura e sociedade, tal como preconizam os historiadores da cultura (CHARTIER, 1990; SCHORSKE, 1988), mas, sobretudo, o contato com a documentação disponível que me possibilitou perceber que aqueles desenhos eram mais do que a meras ilustrações, eram também eles constructos sócio-históricos que falavam sobre o fazer e a produção arquitetônica naqueles anos 1930 e 1960; os agentes envolvidos para além dos arquitetos – clientes, engenheiros, desenhistas, técnicos da prefeitura, construtores; os impasses enfrentados na sua elaboração e construção; as relações com as condições técnicas, materiais e urbanas onde cada um deles se inseria; as concepções correntes sobre moradia, trabalho, lazer, ensino, etc. Como um documento/monumento (LE GOFF, 2003), o projeto não se separava da sociedade que o produziu, sendo fruto de suas ações e da passagem do tempo na sua existência. Foi ficando claro também que cada desenho tinha uma finalidade, um interlocutor, um tipo de lógica e detalhamento e que o vínculo entre os desenhos, o seu desenvolvimento e as finalidades tinham relação, por sua vez, com os princípios que orientavam os arquitetos na elaboração do projeto e sua relação com a prática profissional.

A análise da Coleção Jacques Pilon como uma série documental permitiu o reconhecimento de certos padrões, certas mudanças, certas hesitações e equívocos, certas dinâmicas e embates fundamentais para compreender a arquitetura como processo. O projeto, assim, foi entendido como a síntese de múltiplas ações e agentes e não apenas fruto do idealizado trabalho isolado do arquiteto em seu escritório.

Foi, portanto, no contato com a Coleção Jacques Pilon e a partir da bibliografia, sobretudo aqueles textos relativos à história cultural, à antropologia e à sociologia da cultura, que três problemas de pesquisa – a constituição do campo arquitetônico no Brasil; a história de São Paulo e sua arquitetura e a contribuição dos arquitetos estrangeiros para a conformação da cidade entre os anos 1930 e 1960 – foram se confirmando na relação dialética entre fontes documentais e problemáticas históricas. E nessa relação, além dos desenhos da coleção outros

documentos foram se mostrando fundamentais como contratos sociais, projetos de prefeitura, memoriais descritos, fotos, revistas, jornais, entrevistas entre outros, pesquisados na Biblioteca da FAUUSP mas também no Arquivo Geral de Processos da Prefeitura Municipal de São Paulo, no Arquivo Municipal Washington Luís; no Centro de Estudos e Distribuição de Títulos e Documentos de São Paulo; no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Paulo, no Instituto de Arquitetos do Brasil, na Junta Comercial do Estado de São Paulo e no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Estes últimos, diferentemente do arquivo em análise, não foram formados com vistas no ensino e pesquisa, mas como apoio às atividades profissionais e à administração pública. Seus documentos, contudo, interessaram à pesquisa em função dos problemas acima indicados e puderam, por isso, ganhar outros significados.

À luz desses problemas, o próprio Arquivo de Projetos da FAUUSP se tornou objeto de estudo: da doação à catalogação, passando pelos vários tipos de documento genericamente definidos como “projeto de arquitetura”. Aquilo que a princípio passava despercebido começou a saltar aos olhos indicando entradas de análise muito potentes.

No caso do Acervo de Projetos da FAUUSP, portanto, não há um vínculo direto entre a sua criação e organização, os objetivos da instituição e a narrativa historiográfica, pelo menos não do momento da sua criação até hoje. Isso explica em parte a variação entre as coleções que abarcam desde obras vinculadas à produção de matriz acadêmica até a gama de proposições modernas desenvolvidas do final do século XIX à contemporaneidade. Nesse caso específico, a falta de um projeto curatorial mais claro foi positiva pela variedade de linhas arquitetônicas que ele abarca, constituindo-se como uma possibilidade efetiva de uma escrita mais plural da história da arquitetura. Os limites acima apontados, contudo, colocam novos desafios para o acervo que não pode se transformar num simples depósito ao sabor das contingências. É preciso definir um plano aliado, é claro, aos enfrentamentos necessários à revisão de alguns critérios de catalogação, à reformulação dos bancos de consulta, à conformação de espaços adequados à conservação e consulta e à catalogação completa do arquivo, sempre sem perder de vista a sua qualidade principal: a diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CASTELLO BRANCO, Ilda Helena Diniz. *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo. 1930 – 1950*. Dissertação (Mestrado) - FAUUSP, 1988.

CATÁLOGO DE DESENHOS DE ARQUITETURA DA BIBLIOTECA DA FAUUSP. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, 1988.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Eduardo. *Cultura Visual e Ciência: Arquivo Fotográfico e as práticas de preservação do IPHAN. Anais do III Enanparq*. São Paulo; Campinas: Universidade Presbiteriana Mackenzie; Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

DERRIDA, Jacques. *Archive Fever: A Freudian impression*. The University of Chicago Press. Chicago, 1995.

DURAND, José Carlos. *A profissão de arquiteto: estudo sociológico*. Rio de Janeiro: CREA 5a. Região, 1974.

_____. *Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.

JULIANI, Maria Rosa de Oliveira. *Ideologia, estado e mercado: três aspectos da profissão do arquiteto em São Paulo*. In: GITAHY, Maria Lucia Caira; PEREIRA, Paulo César Xavier. *O complexo industrial da construção e a habitação econômica moderna, 1930 – 1964*. São Carlos: RiMA, 2002, p. 143 – 61.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. 'Fontes visuais, cultura visual, história visual: Balanço Provisório, propostas cautelares'. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº45. 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A Análise e o arquivo*. Jorge ZAHAR Editor. Rio de Janeiro, 2001.

SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2012.



16

WARHAVCHIK, PILON, RINO LEVI: três momentos da arquitetura paulista. São Paulo: Museu Lasar Segall, 1983.